

Prot. N. 00984/04

10 de dezembro de 2004.  
*Nossa Senhora de Loreto*

## Beato Bernardo de Offida (1604-1694) no IV centenário de nascimento *Mensagem*

Aos irmãos da Província das Marcas  
e a todos os frades da Ordem

“A província da Marca de Ancona – como se lê nos *Fioretti*, cap. 42 – foi antigamente, do mesmo modo que o céu de estrelas, adornada de santos e exemplares frades; os quais, como luminárias do céu, iluminaram e adornaram a Ordem de São Francisco e o mundo com exemplos e com doutrina”. Depois de São Serafim de Montegrano, que recordamos com uma carta por ocasião do IV centenário de sua morte, outra dessas estrelas chama agora a nossa atenção e cintila com um brilho especial no firmamento da nossa santidade doméstica, quase a chamar-nos ao seu fulgor. De fato, neste ano celebra-se o IV centenário de nascimento do Beato Bernardo de Offida, ocorrida no dia 7 de novembro de 1604. Retornar com a memória a um tempo tão distante deve ser para nós como uma celebração eucarística, porque os santos não estão mortos, mas vivos, atuais, presentes e operantes no caminho da nossa vida. É o que eu gostaria de fazer junto com vocês com esta minha mensagem fraterna, porque a nossa vida consagrada pode brilhar somente no espelho da santidade. Nesse espelho devemos encontrar-nos todos, para repensar o nosso carisma franciscano e capuchinho, para avaliá-lo e recompô-lo nas nossas opções cotidianas, para endireitar os caminhos do nosso comportamento e para confirmar no nosso coração a alegria da vida evangélica.

Mas quem era Bernardo de Offida? Gostaria de reler com vocês os aspectos salientes dessa vida que, na sua simplicidade, se torna realmente uma escola doméstica privilegiada.

\* \* \*

Bernardo Peroni de Offida (Ascoli Piceno), nasce na Villa d’Appignano, nos arredores de Offida aos 7 de novembro de 1604, no mesmo ano da morte de São Serafim de Montegrano, quase uma entrega. Entre os santos e beatos capuchinhos é certamente o mais longo. Morrerá em Offida no dia 22 de agosto de 1694 aos 90 anos de idade.

Domenico, assim o chamou o pai Giuseppe na fonte batismal, cresce robusto e sadio, pastor de rebanhos e semeador de campos nutre a sua fé no livro da cruz e na devoção à Virgem Maria. A vida bela e austera dos capuchinhos que se tinham estabelecido em Offida em 1614 torna-se para ele um forte chamado, mas esperará ainda alguns anos antes de vestir o hábito capuchinho em Corinaldo aos 15 de fevereiro de 1626 e para fazer a sua profissão um ano depois em Camerino.

Bernardo de Lama, esse o topônimo mais exato do mais notável cidadão de Offida, por obediência acolhe a sua primeira destinação, Fermo. Por quase vinte anos permaneceu nesse convento, no silêncio. Nenhuma fonte documentária fala: é o tempo que o Senhor utiliza para prepará-lo para a sua missão: “ávido de almas”.

Uma breve permanência em Ascoli, quase um embriagar-se na santidade de Serafim de Montegrano e depois outras ainda mais breves até chegar a Offida em 1650. Aqui, por 45 anos louvará o Pai da misericórdia, adorará o Cristo na Eucaristia e servirá o Corpo do Senhor nos irmãos pobres e doentes.

Uma vida simples, escondida, humilde, uma vida feitas dos serviços ordinários do irmão capuchinho: cozinheiro, hortelão, enfermeiro, esmoleiro, porteiro, todo caridade, todo oração, todo louvor ao Senhor.

Apaixonado pela Eucaristia, não se dava conta do tempo que passava, das moscas que o incomodavam, dos olhos dos irmãos e das pessoas que o espiavam, do barulho ao redor. Os dias de festa solene para ele eram dias de alegria ainda maior porque podia passar o dia inteiro servindo Missas, inflamando-se de ardor da consagração até a comunhão. O seu coração, de tão habituado a lançar afetos a Deus com ardentes expressões de amor, muitas vezes, também diante de pessoas, se deixava fugir sem se aperceber.

O Amor que se manifestava no seu rosto estimulava à oração. O Amor que lhe era doado na Eucaristia ele o restituía carregando os fardos pesados de quem encontrava cansado pelo caminho, pacificando as desavenças de quem não se sentia mais irmão, acudindo as fadigas e as dores de quem jazia doente acamado. E ninguém resistia à sua candura, à sua bondade, ao seu grito angustiado: “Permaneçam com Deus! Temam a Deus! Amem a Deus! Fujam do pecado! Sejam bondosos!”.

Depois de um dia pesado e cansativo, retirava-se, como merecido repouso, para longas horas de oração diante do Sacrário ou da imagem de Nossa Senhora ou do altar de São Félix de Cantalício.

Aqui encontrava a força para colocar-se de novo a serviço, multiplicando a caridade através de suas mãos. Ninguém que batesse à porta saía de mãos vazias; ninguém que quisesse o seu conforto porque doente, ficava desiludido; ninguém que pedisse a sua oração ficava sem receber a graça do Senhor. Encontramos, registrada por atuários, a memória de crianças devolvidas vivas às próprias mães, de doentes curados e de muitos episódios extraordinários operados por sua intercessão. Carisma e dom do Senhor que Frei Bernardo escondia servindo-se do óleo e da lâmpada que ardia no altar de São Félix de Cantalício.

Nem mesmo nos últimos anos de vida, em condições precárias, encolhido e paralítico, renunciava a estar por longo tempo diante do Sacrário. Tinha mandado fazer um par de muletas exatamente para manter-se de pé em adoração já que não podia estar de joelhos como era seu costume.

Vendo aproximar-se o fim de sua vida terrena, quase nonagenário, carregado de anos e dos achaques da idade, mas radioso mais do que nunca no espírito a ponto de fazer quem o encontrava exclamar que tinha “tanta alegria no rosto e nas palavras que não parecia enfermo, mas que se deliciasse”, quis restituir tudo, pedindo ao seu guardião “a caridade” de fazer uso unicamente do hábito.

Tendo recebido os sacramentos, quase arrebatado em estase, recomendou aos irmãos a observância da Regra, da paz, do amor entre si e ao próximo e que rezassem pelos benfeitores. Morria ao amanhecer de um novo dia, aos 22 de agosto de 1622.

Floresceram graças e milagres, mas o caminho para levá-lo à glória dos altares foi longo e difícil tendo-se concluído somente no dia 19 de maio de 1795 quando o Papa Pio VII o inscrevia no catálogo dos beatos. Seis dias depois, na basílica vaticana, era celebrada a sua beatificação.

\* \* \*

Eis o espelho de sua vida do qual partem raios que mostram fortemente alguns valores fundamentais do nosso carisma franciscano-capuchinho: a oração interior, fruto de um intenso amor a Cristo crucificado e à Eucaristia, envolvida por uma filial devoção a Nossa Senhora e por numerosas virtudes como a pobreza e a humildade, a austeridade e a laboriosidade, o amor fraterno cheio de misericórdia, a simplicidade e a popularidade.

Já tratei de vários modos e com diversas cartas fraternas da pobreza, da oração, do trabalho e de outros pontos de destaque da nossa vida. Agora gostaria de deter-me com vocês sobre um elemento que entra perfeitamente em sintonia com a Igreja de hoje que está celebrando um Ano Eucarístico especial, ou seja, o amor do nosso Beato Bernardo ao mistério eucarístico.

A imagem do nosso beato com o olhar fixo no Sacrário por horas e horas, de dia e de noite, depois do seu serviço de esmoleiro e dos outros serviços no convento para os frades e fora para os pobres e doentes, se constitui num ícone fundamental para a nossa Ordem. E como Francisco no fim de sua vida manifestava a sua experiência de Deus toda concentrada na Eucaristia, assim “ao longo do caminho das nossas dúvidas, inquietações e às vezes amargas desilusões” (cf. João Paulo II, Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, n. 2), na complexidade de mundo moderno no qual vivemos e nos encontramos, a Eucaristia, o Sacrário, a Santa Missa, nos fazem reencontrar a alegria e a beleza da

nossa vocação e da nossa missão. Porque se a Eucaristia é “fonte e cume da vida e da missão da Igreja”, é também fonte e cume da nossa vida franciscana e capuchinha e da nossa missão.

Deveríamos então fazer um tesouro das palavras do Santo Padre que remetem aos “exemplos dos santos que encontraram na Eucaristia o alimento para o seu caminho de perfeição”. Assim fez o nosso beato Bernardo.

O Santo Padre insiste no fato que todos nós, sacerdotes e consagrados, devemos celebrar “cada dia a Santa Missa com a alegria e o fervor da primeira vez” e “detendo-se de boa vontade em oração diante do Sacrário [...], demorar-se longamente em diálogo com Jesus Eucaristia”; e acrescenta: “Vós, consagrados e consagradas, chamados pela própria consagração a uma contemplação mais prolongada, recordai que Jesus no Sacrário espera por vós junto d'Ele, para derramar nos vossos corações aquela experiência íntima da sua amizade que é a única que pode dar sentido e plenitude à vossa vida.” (*Ibid.*, n. 30).

Nessa luz, derramada no nosso espírito pela experiência do beato Bernardo de Offida, encontramos o segredo de sua santidade, a atualidade e o frescor da sua mensagem. Possa verdadeiramente a nossa excessiva e atordoante atividade reencontrar essa intimidade eucarística, e a intercessão do beato Bernardo nos obtenha o dom da adoração e do silêncio para “permanecer longamente a escutar a sua voz e, de certo modo, a sentir o palpitar do seu coração. ‘Saboreai e vede como é bom o Senhor!’ (Sal 34/33,9) [...] Aprofundemos na adoração a nossa contemplação pessoal e comunitária, servindo-nos também de subsídios de oração baseados sempre na Palavra de Deus e na experiência de tantos místicos antigos e recentes” (*ibid.*, n. 18), como é o nosso humilde beato Bernardo, inflamado de amor.

Ajude-nos a Bem-aventurada Virgem Maria, “mulher eucarística” (cf. Encíclica *Ecclesia de Eucaristia*, 53-58), a qual, com o Santo Rosário, tão recomendado pela Igreja e pelo Santo Padre com a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, “poderá ser um caminho particularmente adaptado para a contemplação eucarística, atuada em companhia e na escola de Maria” (Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, n. 18) e o exemplo luminoso do Beato Bernardo de Offida.

Frei John Corriveau,  
*Ministro Geral – OFM Cap.*